

Nada é mais pacífico
desejar tudo o que se
vê; acreditar em tudo
que se ouve; dizer
tudo o que se sabe;
e fazer tudo o que
se pode.

ANO V — N.º 138

OUTUBRO

20

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 FARO

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

QUARTEIRA, a praia de Loulé

III

Uma vez que o nosso amigo sr. Dr. A. de Sousa Pontes, ilustre Presidente da Junta de Turismo teve aconcedência de responder a Reporter X e nas suas considerações disse «do que desejava fazer e daquilo que se não fez», vamos intercalar na série de artigos que, sobre Quarteira e o seu progresso vimos fazendo, algumas deduções sobre os aspectos abordados. Não nos move espírito de polémica ou de crítica mordaz nem o desejo de adormecer vontades, mas exactamente o propósito de despertar nos louletanos e nos responsáveis pelas coisas de Quarteira, energias para uma maior acção realizadora, mais objectiva real, concreta e menos emotiva e sentimental.

Iluminação. A Junta de Turismo, que, por deturpamento de funções, explora o problema do fornecimento da energia eléctrica deveria dirigir-se à CEAL e propor-lhe a distribuição em baixa tensão, durante um prazo a concessionar, livrando-se de encargos e preocupações que hoje têm e ilaquiã asua receita e a sua actividade.

Não acreditamos, sem nos mostrarmos números, que a exploração da luz não é deficitária. Pelo menos, em qualidade e em número de horas, é bastante deficitária para o veraneante que não pode ter um ferro de engomar, um frigorífico ou um aparelho a funcionar fora das horas que a Junta de Turismo entende serem as mais convenientes.

Se, em vez de se ter pedido à CEAL condições para o fornecimento de energia em alta tensão, se lhe tivesse proposto o fornecimento e distribuição de energia em baixa tensão, talvez o problema da luz de Quarteira, estivesse resolvido, sem termos de sofrer racionamento de energia e de pagarmos a 4\$00 por quilovatio.

Sendo a CEAL a tomar conta da distribuição, seria à Câmara que competia o encargo da luz pública e talvez — se as cláusulas da concessão fossem bem es-

tudadas — os cinco mil escudos que a Câmara paga, dessem para ter luz pública durante toda a noite. No resto do ano, a despesa da iluminação pública, não pode nem deve constituir encargo da Junta de Turismo pois compete exclusiva e integralmente à Câmara.

Na inversão de posição actual é que reside o óbice da questão. É que a Junta de Turismo explora o veraneante, durante os meses de verão, para compensar o fraco rendimento da rede particular, no inverno, para ter à sua disposição, um serviço público que não é, praticamente, das suas atribuições e do qual, só à vista de números, repetimos, nos convenceremos de que tira algum proveito.

Não há que citar argumentos de carácter subjectivo como o de Quarteira ser a única freguesia rural do concelho que tem luz, porque esse ponto de vista não compete à Junta de Turismo a quem estão confiados os interesses turísticos e não os interesses de Quarteira, como freguesia rural.

Do mesmo modo, diríamos que Quarteira é a única freguesia que tem distribuição domiciliária de águas e até acrescentaríamos que se Quarteira gosa destas primazias é porque todo o concelho paga para o turismo. Já há anos vimos debatendo que, se em vez de Quarteira ter gasto o dinheiro do turismo na compra de unidades geradoras da sua central e no combustível com que tem de a abastecer, tivesse provocado um entendimento com a Câmara no sentido de se constituir uma linha de ligação à Central de Loulé, o problema estava resolvido e não constituía hoje preocupação da Junta nem encargo e sacrifício do veraneante e do próprio habitante.

Estas considerações, ocupam-nos o espaço de que dispomos, para abordar outros assuntos de-

(Continuação na 2.ª página)

FEIRA FRANCA de LOULÉ

Nos dias 28 e 29 deste mês terá mais uma vez lugar a já tradicional Feira Franca que, de ano para ano, se vai afirmando como uma das nossas melhores feiras, pela grande afluência de visitantes que se regista e pelo avultado número de transacções a que dá lugar.

Postal de Faro

A cidade vive de novo! Deixou o torpor a que os meses cáldos a condenaram, para buliçosa e simpática se agitar e crescer, como se uma seiva juvenil e activa pululasse no seu ambito. Com Outubro, voltaram as aulas e a alegria — aquela que só a gente moça sabe criar — uma alegria plena, sã, contagiosa!!

Vive-se! Os tons bronzeados são o certificado e a praia o pretexto para em comum recordarmos os tempos que passaram nas auríferas areias da praia e na contemplação do bailado fantasista das argenteas ondas. Ei-los pelos cantos, na confusão das origens, irradiando para os ares, a vibração da sua juventude, por entre gargalhadas estridentes.

Os tempos passam! Mas Outubro é sempre assim. Ele mesmo, no despertar das esperanças e formular de projectos, como no recordar dos tempos vividos. Folhas caídas, que partem para não mais voltar vivendo só, na recordação da árvore-mãe, mas em substituição das quais despontam as folhas verdes, plenas de vida e cor, na perspectiva duma certeza futura.

A cidade recebeu-os com as galas dum sol primaveril, dando as boas vindas com a oferta de cenário citadino para a consecução dos seus projectos, numa atmosfera onde há uma mensagem de felicidades.

Faro, 7/Out./57

João Leal

Contrastes

Diz-se, e com razão, que se não fossem os contrastes que a vida apresenta, a monotonia e o tédio acabariam por liquidar estes milhões de bipedes pensantes que habitam este mundo de duas luas...

No entanto, há contrastes ou contradições que excedem todos os limites de quanto seja lícito admitir à inteligência do homem.

Não vemos nós os nossos amigos americanos com a maleta das suas igualdades democráticas indiscriminadas para qualquer meio ou latitude, andarem a correr mundo e a promover, por toda a parte, e em especial na África negra a «emancipação» de todos os povos, a interferir em territórios de países que, antes de eles deixarem de ser aglomerados de ranchos, já eram gente, para lhes desintegrarem populações de discutível maturidade política sob o pretexto de anti-colonialismo e em homenagem à auto-determinação dos povos?

E com gente dessa, sen-

tam-se em pé de igualdade nas mesas da ONU.

Entretanto... enquanto adoptam as suas «melodias» e as suas danças rock and rollianas... em Little Rock opõem-se a que frequentem o liceu de brancos jovens negros, por ventura nascidos no meio e tão afeitos a este como eles, só porque são negros.

E vão aos de cabo, até ao espantamento dos estudantes de côr.

Por isso bem observado foi pelo diplomata búlgaro ao sr. Gunawardene, representante do negro Ceilão da ONU e um dos signatários do relatório em que se expõe o procedimento dos russos na Hungria:

— V. Ex.ª subscrive o documento, mas olhe que aqui na livre, na civilizada e na democrática América, não o aconselha a passar por Little Rock, pois talvez lhe fizessem o mesmo.

Não há contrastes que são mesmo a negação de inteligência do bipede pensante?



FUTEBOL NO ALGARVE

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

OLHANENSE, 2

CORUCHENSE, 3

Merecida vitória do Coruchense, arrancada aos 37 minutos do final.

A tática de jogo adoptada pelo Olhanense desde início desta vez não resultou eficaz!!!

Magnífica exibição de José Maria, guarda-redes do Coruchense e arbitragem parcial favorável ao Olhanense, são as notas curiosas do encontro Olhanense-Coruchense, realizado nodia 13 em Olhão, sob a arbitragem do sr. Hermínio Soares, de Lisboa.

OLHANENSE — Abade; Alfredo e Nunes; Poeira, Fonte Santa e Reina; Costa, Parra, Angelo (ex-Luzitano de Évora), Cava e Silvio.

CORUCHENSE — José Maria; Faustino e Luiz António; Isabelinha II, Bailão e Alfredo; Isabelinha I, Rocha, Manuel Jorge, Manaia e Foguete.

O jogo desenrolou-se nos dois campos em igualdade de circunstâncias, sendo o Coruchense quem mais vezes pôz em perigo as redes de Abade, no seu primeiro tempo; Assim, aos 19 minutos Nunes, pretendendo passar a bola ao seu guardaio fe-la em tão más condições que Isabelinha I, não hesitou em anichá-la nas redes do Olhanense, marcando, por consequência, a 1.ª bola para a sua equipa. Aos 35 minutos, com o Coruchense ao ataque, passes largos, dadas as condições do campo um pouco enlameado, Manuel Jorge, sempre atento, alterou o marcador para 2-0, resultado com que terminou o encontro.

Aos 41 minutos, sem podermos descurtinar as razões, o senhor árbitro mandou marcar grande penalidade (penalty) contra o

Coruchense que, marcado por Parra, José Maria defendeu brilhantemente.

No 2.º meio tempo o Coruchense remeteu-se à defesa (um mau hábito que nem sempre traz vantagens, pois é reconhecer inferioridade perante os adversários) e, é claro, o Olhanense, como aliás tem decorrido durante todo este campeonato, procurou atacar, no sentido de modificar o resultado; com o árbitro a facilitar-lhe essa tarefa decorrido um minuto, desta vez por falta inexistente, o senhor árbitro com pismo para todos os presentes manda marcar novo (penalty) contra o Coruchense; novamente José Maria, revelando grande classe, defendeu com categoria, a marcação desta vez efectuada por Angelo. O Coruchense, como qualquer outro clube, sentiu-se abalado moralmente, destas decisões do árbitro e o Olhanense aproveitando a «chance» aos 13 minutos conseguiu o seu 1.º golo, para aos 24 minutos, igualar o resultado. Então o Coruchense, vem outra vez ao ataque e, coisa curiosa, já não se via o Olhanense em campo, em resultado da fadiga dissipada para conseguir os 2 tentos, tendo o Coruchense marcado, por intermédio de Manuel Jorge o golo da vitória, aos 37 minutos.

O Olhanense ainda trabalhou para igualar o resultado, mas foram infrutíferos os seus esforços; o árbitro vendo que o Olhanense criava perigo nos últimos segundos, consentiu, sem qualquer justificação, que o encontro decorresse para além do tempo normal e o ultrapassasse em 2 minutos,

(Continuação na 2.ª página)

Assinaturas em atrazo

A todos os nossos prezados assinantes que, por qualquer motivo, se encontram atrazados com o pagamento de «A Voz de Loulé» encarecidamente pedimos que actualizem as suas assinaturas para suavizar as nossas dificuldades pois que, as demoras e as devoluções de recibos, estão tornando insustentável a manutenção deste jornal.

Esta circunstância, conjugada com o grande prejuizo que a passagem para semanário nos está acarretando, obriga-nos a passar este jornal novamente para quinzenário, no princípio do novo ano e por isso temos necessidade de ver todas as assinaturas arrumadas antes dessa data.

Comunicado

A Comissão Concelhia da União Nacional comunica ao eleitorado do concelho que, no próximo dia 3 de Novembro, se realizam as eleições para deputados à Assembleia Nacional.

Votar na lista proposta ao sufrágio pela U. N. é um dever de todos quantos amam a paz e a ordem, bens inestimáveis que o génio político de Salazar soube conquistar para os portugueses.

Votar na lista da U. N. é assegurar a continuação da grande obra de ressurgimento em curso, sob a égide de Craveiro Lopes e Salazar.

Votar na lista da U. N. é uma dívida de gratidão, a tributar por todos os bons portugueses, aos obreiros do grande prestígio que Portugal goza hoje no Mundo.

Portanto a Comissão Concelhia da União Nacional confia em que o eleitorado louletano, de ambos os sexos, no dia 3 de Novembro de 1957, cumprirá, com civismo e fé como sempre tem feito, o dever de votar.

Escola Industrial e Comercial de Loulé

Agora que esta Escola é uma realidade, parece-nos oportuno dar a conhecer ao leitor do nosso concelho quais são as profissões que dentro dele, pelo seu maior número, requerem o adestramento dos trabalhadores.

Quando, 1950, se procedeu ao recenseamento da população, todos os que tinham uma profissão a declararam, e assim se verificou que de entre os 51.006 habitantes que então existiam naquele ano, foram 18.407 os que declaram possuí-la.

Ora, destes 18.407 profissionais, 12.924, ou seja 70% declararam que se dedicavam às profissões de agricultura, silvicultura e pecuária.

Dos restantes 5.483 profissionais dedicavam-se, em 1950, à pesca, 841, às indústrias transformadoras, 1916, ao comércio e seguros, 822, à construção e obras públicas, 546, aos transportes e comunicações, 307, às indústrias extractivas 3, e aos serviços de administração pública, de interesse geral e pessoais, 1.048.

Se fizéssemos o mesmo cálculo para os concelhos vizinhos de Alportel e Albufeira com, respectivamente, 3.574 e 6.054 profissionais cada, ver-se-ia que cerca de 94% deles podiam ter parte do seu rendimento profissional melhor aproveitado pelos ensinamentos das Escolas Técnicas.

Lia-se na notícia da recente manifestação de agradecimento ao governo da Nação do povo de Torres Vedras, pelo motivo da criação da sua Escola Industrial e Comercial, que um industrial bastante conhecido no País, proprietário da casa Hipólito, declarou «sempre ter sentido a necessidade desta Escola para preparação de operários, de forma a poder fazer a competição com o estrangeiro. E falava assim, como filho de operário que se orgulha de ser».

Na nossa provincia, porém, parece não se pensar deste modo, pois se compararmos a frequência dos liceus e colégios liceais com a das Escolas Técnicas algarvias, em 1953/54, verificava-se que existiam 16 dos primeiros estabelecimentos e 4 dos segundos. O número de alunos existentes eram, respectivamente, 1.892 e 1.822. Mas havia um facto a ressaltar: é que enquanto o aproveitamento escolar dos alunos dos liceus era de 36% o do ensino técnico elementar era apenas de 19%, o que parece dizer, quanto a nós, que muitos destes alunos, com conhecimentos comerciais ou industriais incompletos, obtiveram mais depressa emprego, do que os alunos dos liceus, cujo emprego só vem, normalmente, depois de terminado o curso superior.

Já hoje muitos pais se convenceram da superioridade dos cursos industriais. Porém, como dizia não há muito tempo no Parlamento um deputado que também é reitor de liceu, é preciso radicar na opinião pública, que têm de ser as Escolas Técnicas que não-de contribuir para o aperfeiçoamento e eficiência da nossa armadura industrial, agrícola e comercial, mas que convinha aumentar a eficiência desse ensino, em primeiro lugar, e modificar a mentalidade dos alunos e das respectivas famílias, em relação ao aproveitamento profissional.

Na verdade, entre nós, ainda se verifica que há quem tenha vergonha de ser operário. Não sucede assim, por exemplo, nem na América do Norte nem na Suíça, países de nível económico e social superior ao do português. Entre nós ainda se verifica que muitos alunos das Escolas Técnicas apenas tiraram o diploma do Ensino Comercial para ingressar no funcionalismo público, ou

(Continuação na 2.ª página)

O presente número

Por que o editor do nosso jornal não poudé tratar de quaisquer assuntos durante os dias em que a gripe «asiática» o releve no leito, sai o presente número somente com 2 páginas, o que muito lamentamos, mas que de maneira nenhuma podemos evitar. Que os nossos prezados assinantes nos desculpem, assim como o atrazo.

RAFFLANBAUL

A máquina que está revolucionando a Indústria de Calçado em Portugal
UMA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ!

Convidamos os senhores INDUSTRIAIS DE CALÇADO DE LOULÉ a uma visita à
II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO

onde estarão em pleno funcionamento, de 21 a 27 de OUTUBRO
no novo Palácio de Cristal, do Porto, os diversos tipos de máquinas

RAFFLANBAUL

que executam com incrível rapidez e perfeição, todas as operações de manufactura de calçado

Quem estiver interessado em acompanhar o progresso de tudo o que se relacione com a indústria de sapataria, não deve perder esta excelente oportunidade de verificar CONCRETAMENTE as enormes vantagens económicas de mecanização do fabrico de calçado, pois só assim é possível competir com a concorrência actual.

Máquinas REFFLANBAUL para palmilhar, pontear, facetar
e para todos os acabamentos

Para informações detalhadas consulte o AGENTE GERAL NO ALGARVE

JOÃO MARTINS RODRIGUES

21 — Rua Vice-Almirante Cândido dos Reis

23

Telef. 246

LOULÉ

«Loulé... em retrato»

No «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António e da distinta direcção do dinâmico jornalista José Barão, nosso querido amigo, fez-se uma transcrição de «Loulé... em retrato», a propósito do que escrevemos no penúltimo número sobre a «Escola Técnica de Loulé», quando dissemos que achávamos poucos os alunos inscritos, em determinada altura.

Não conhecemos aqueles amigos que os louletanos precisam, muitas vezes de ser desafiados, não foi o melhor sentido deontológico mas deixando evoluir um subtil gémio de despeito, pela criação da escola de Loulé, ao oferecer a colaboração de uma centena de rapazes de Vila Real, como reforço de frequência.

E da local publicada no mesmo lugar e no último número, já havia de ter visto como os louletanos reagiram, brilhantemente, aliás como sempre, inscrevendo-se em número superior ao necessário para o funcionamento de duas turmas!

Mas a intenção com que «O Jornal do Algarve» fez a transcrição e o comentário, não foi o melhor sentido deontológico mas deixando evoluir um subtil gémio de despeito, pela criação da escola de Loulé, ao oferecer a colaboração de uma centena de rapazes de Vila Real, como reforço de frequência.

Ora isto, ainda que geograficamente fosse possível, hipotese que o comentarista salvaguarda, seria contrariado por várias outras razões que não nos abtemos de esclarecer.

A Escola Técnica de Loulé, não vem ajudar um meio industrial como Vila Real de Santo António, pois tem uma função especial que, para ali, não servia. Vem especificamente para promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento cultural do maior centro de artesanato do Algarve.

Talvez até e em relação ao trabalho da obra de palma — agora em pleno florescimento, mercê da exportação para o estrangeiro — poderemos dizer, único em Portugal.

Para não alongar a lista dos artesãos de Loulé, que vão melhorar a sua cultura referiremos apenas os de calçado (Loulé é a sede do Sindicato dos Sapateiros do Distrito), de olarias, de construção Civil (de que já teve Delegação do Sindicato), de artigos de cobre, da obra de pita e esparto, dos tecidos de juta e de algodão, das mantas de lã e de trapo, da apanha da cortiça, do curtimento de peles e tantas outras em que se consubstancia a actividade fabril de tantos artesãos habilidosos.

Mas, se não bastasse este fim quase exclusivo de preparação

de rapazes para o artesanato local, poderíamos referir que ainda havia o recurso de deslocar para a Escola de Loulé, as duas centenas de alunos que, das freguesias do sul — Boliqueime e Almancil — frequentam e, certamente, continuarão a frequentar a escola de Faro, por disporem de transporte ferroviário acessível e barato para aquela cidade.

Já vê o colega que Loulé não precisa do reforço dos rapazes de Vila Real para a frequência da sua escola Técnica, pois que com características tão diferentes e distintas das aptidões a que se consagram nos meios locais, certamente surgiriam desacordos e desinteligências entre eles.

Outro ponto debatido no «Jornal do Algarve» é o da construção do Aeroporto do Algarve, problema de alto interesse, a que já temos consagrado extensas colunas e estamos prontos para mais lhe consagrar.

Mas não nos parece justo atribuir a qualquer localidade algarvia o malogro das diligências, há anos levadas a efeito, com a acuação de que, por espírito de visão acanhados, na expressão de um baírrismo desenfreado e cego, houve quem quizesse ver os aviões passarem à porta.

Nem sequer a localização do Aeroporto foi discutida ou contrariada por qualquer terra algarvia. Estabeleceu-se, julgamos que por escolha dos respectivos servíbios, perto da Quinta do Ludo e gos, que seria no Campo da Ará-nínguem levantou reparos por esse facto.

Algumas Câmaras reagiram e não foi só uma, como se pretendia fazer crer posteriormente contra o pesado encargo que teriam de contrair para a compra do terreno e que não era tão pequeno quanto o simbolismo que o «Jornal do Algarve» lhe pretende atribuir. Algumas havia a quem cabia o encargo de duas e mais centenas de contos.

E posta em termos claros a história do «porque se não fez», vamos esquecer «águas passadas» e fazer coro comum com o nosso ilustre colega, pelo consequimento desse indiscutível e inculcável empreendimento.

Não há pois que reacar que se levantem vozes discordantes nem questões baírrísticas, que possam perturbar tão grande e notável aspiração algarvia.

REPORTER X

CRIADA

De 30 a 35 anos, para todo o serviço. Honesta, que saiba cozinhar e goste de crianças. Para servir em Lisboa, em casa particular, pagando-se bom ordenado. Exigem-se boas informações. Desnecessário responder quem não estiver nas condições exigidas.

Nesta redacção se informa.

Propriedades em Lagoa

Arrendam-se 2 propriedades (sendo uma irrigada), com arvoredo, vinha, terra de semear, casa de habitação, ramada, cisterna, etc..

Tratar até ao fim de Outubro na Avenida Marçal Pacheco, 37 — Telefone 211 — Loulé.

«A Voz de Loulé» — Loulé — N.º 138 — 20/X/1957.

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 14 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na execução sumária que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal, em que são Exequentes — Leonor da Conceição Anastácio e Executado — Francisco António Inocêncio, solteiro, maior, sapateiro, residente no sítio do Vale da Figueira, freguesia de São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, há-de ser posto em praça para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, o direito e acção que o executado tem à herança aberta por obito de seu pai, António Inocêncio, falecido que foi no dia 22 de Janeiro do corrente ano no sítio da Corte Grande, freguesia de Alte, no estado de casado com comunhão de bens com amãoi do executado, Apolinária Maria. Vai à praça no valor de 1.313\$75.

Loulé, 15 de Outubro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

António Barbosa Vicente Júnior

VENDE-SE

Uma propriedade sita em Vale Lobos (freguesia de Almancil) com figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e vinha.

Tratar na Sapataria Garrocho — Loulé.

Propriedades

Vendem-se 2 propriedades no sítio da Nave (freguesia de Alte), com boa terra de semear, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras, figueiras, etc..

Pom motivo de ausência do proprietário, tratar com Amadeu Pedro da Cruz — Loulé.

Quarteira, a praia de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

batidos no «Quarteira em retrato» mas, não perderão os mesmos a sua oportunidade e um por um, serão apreciados e discutidos, para ver se enfim conseguimos que a nossa Praia conquiste melhoramentos e benefícios a que tem incontestável direito.

Estes artigos de «Quarteira, a praia de Loulé» foram iniciados, para debater o grande problema da falta do Plano de Urbanização. São agora — transitariamente — aproveitados para debater e apreciar os problemas enunciados pelo ilustre Presidente da Junta de Turismo, sr. Dr. A. de Sousa Pontes, para aproveitar a oportunidade de a eles nos referirmos, sem pretender magoar quem quer que seja, embora o «Reporter assistente» de «A Voz de Loulé» pudesse dizer mais alguma coisa sobre a «não assistência» do sr. Presidente da Junta.

R. P.

«A Voz de Loulé» — Loulé — N.º 138 — 20/X/1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela segunda secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Cortes Júnior, separado de pessoas e bens, comerciante, residente no sítio de Messines de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, para noprozo de 10 dias, posterior ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumaria que contra aquele move D. Maria Raquel dos Santos Silva Franco Marques Lito e marido, Eugénio de Almeida Marques Lito.

Loulé, 17 de Outubro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei

O Juiz de Direito

António Barbosa Vicente Júnior

Ao comércio

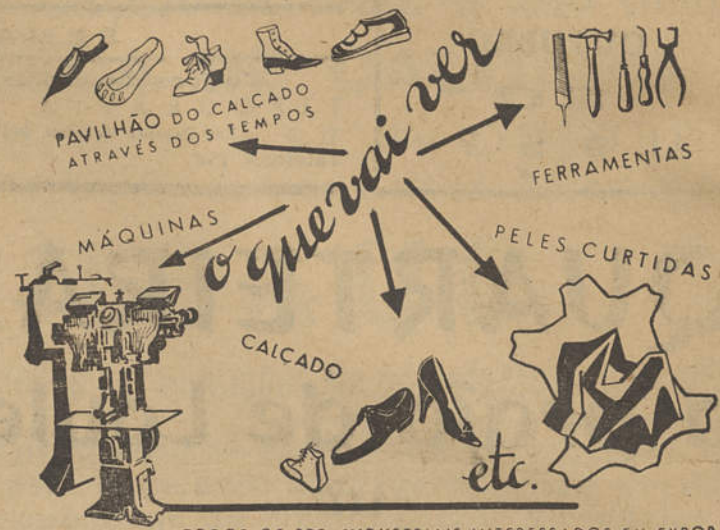
Contabilista, monta, segue e actualiza escritas em atrazo, balanço, assistência técnica, etc..

Informa Rua Martim Far-to, 30 — LOULÉ.

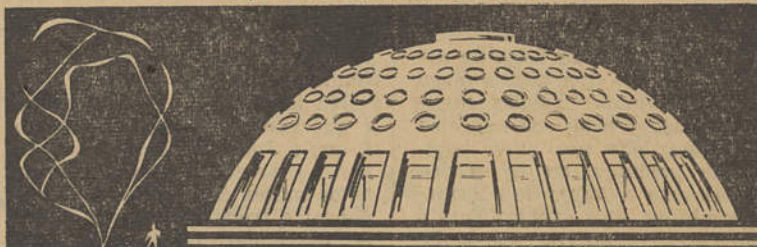


II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO

NO NOVO PALÁCIO DE CRISTAL • PORTO • DE 21 A 27 DE OUTUBRO DE 1957



TODOS OS SRS. INDUSTRIAIS INTERESSADOS EM EXPOR OS SEUS PRODUTOS, PODER-SE-ÃO DIRIGIR AOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO QUE FUNCIONAM NO NOVO PALÁCIO DE CRISTAL, TODOS OS DIAS DAS 9 ÀS 13 E DAS 14.30 ÀS 18 HORAS • TELEFONE, 27369



Grande baixa de preços

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

FUTEBOL

(Continuação da 1.ª página)

altura em que Manuel Jorge, apanhou um passe e sózinho em frente de Abade, poderia ter marcado o 4.º golo para o Coruchense.

Concordamos inteiramente que os senhores árbitros devem aplicar livremente as suas decisões pois de contrário não resultaria a sua acção em campo, mas, dado a que tais decisões muitas vezes poderão contribuir para um resultado contrário daqueles que se passa no rectângulo do jogo, seria de toda a conveniência que os seus actos fossem fiscalizados por um técnico competente, incognitamente, presente em cada desafio, para que, em caso de castigos ou recursos, em última análise, ser ouvido sobre o relatório do senhor árbitro.

O Farense, contrariamente ao que se esperava, conseguiu uma vitória, em Lisboa, sobre o Arroios, por 2-1.

O Portimonense, saiu vencedor por 3-0 contra o União de Montemor.

O Louletano no desafio-treino que realizou, no mesmo dia, com as reservas do Farense, reforçada com alguns elementos do seu 1.º time, deixou-se vencer por 1-0.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	J	V	E	D	P
Farense	6	5	—	1	10
Portimonense	6	5	—	1	10
Olhanense	6	4	—	2	8
Montijo	6	3	1	2	7
Atlético	6	3	1	2	7
Arroios	6	3	—	3	6
Desp. Beja	6	3	—	3	6
Coruchense	6	2	2	2	6
F. C. Serpa	6	3	—	3	6
Juventude	6	1	3	2	5
Montemor	6	2	1	3	5
Almada	6	1	1	4	3
Estoril	6	1	1	4	3
Portalegre	6	—	2	4	2

JOGOS PARA DOMINGO

Atlético — Serpa; Beja — Portalegre; Coruchense — Almada; Juventude — PORTIMONENSE; FARENSE — Estoril; União de Montemor — Arroios; e Montijo — OLHANENSE.

J. G.

VENDE-SE

Um prédio, situado na Rua de Portugal, 27, pertencente a herdeiros de António Fernandes.

Escola Industrial e Comercial de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

em actividades diferentes daquela para que frequentaram a Escola Profissional — havendo por isso Escolas Técnicas onde as oficinas escolares estão quase desertas.

Erico Veríssimo, o apreciado escritor brasileiro, ao apreciar num dos seus livros o povo e a mentalidade do norte-americano, dizia: «não há entre os americanos a vergonha de ser operário. Os homens que enriquecem orgulham-se em dizer que já foram operários e não perdem a oportunidade de se misturar com eles. Por sua vez o operário olha o milionário mais como um exemplo a ser imitado».

E se observarmos o que se passa na Suíça, o país sem matérias-primas que tem de comprar no estrangeiro, onde depois vende as suas manufacturadas impeccáveis, verificou-se, durante a 2.ª metade do século 19, uma transformação económica quase radical que fez passar este país, de agrícola a industrial, a ponto de a agricultura não necessitar hoje mais de que 25% da sua mão-de-obra. Assim se explica a enorme extensão do seu ensino profissional.

Entre nós é conhecido a falta de bons profissionais, sobretudo na Província. Alguns deles, com os estudos de 5 anos e alguma prática, auferem já hoje proventos equivalentes aos que no funcionalismo público são atingidos pelos que possuem um curso superior e bastantes provas vencidas em concursos públicos.

A. S. Pontes

Visado pela Comis. Censura